



Em família unida pelo esporte, irmãs brilham em campeonatos de surfe e jiu-jitsu

Maria Beatriz, de 11 anos, e Ana Laura, de 9, têm a infância dividida entre as brincadeiras, os estudos e os treinos intensivos.

Por Alice Vieira e Gabriel Ojea*, G1 Santos

12/10/2019 09h23 - Atualizado há 3 dias



As irmãs Maria Beatriz e Ana Laura: unidas desde cedo pelo esporte — Foto: Arquivo Pessoal

À primeira vista, as irmãs Maria Beatriz e Ana Laura Nogueira da Silva parecem crianças comuns, que gostam de brincar juntas e têm interesses convencionais. O que nem todos sabem é que Maria Beatriz, de 11 anos, conhecida como Bibi Big Rider, é a atual vice-campeã brasileira de surfe na categoria sub-10. E Ana Laura, de 9 anos, é campeã paulista numa categoria júnior de jiu-jitsu.

O grande influenciador das meninas é o pai, Getúlio Francisco da Silva, de 40 anos, funcionário público e formado em Educação Física, que pratica as mesmas modalidades que as filhas. Maria Beatriz começou no surfe aos sete anos, e desde então, se dedica exclusivamente a ele, embora seja auxiliar da irmã no jiu-jitsu, esporte que também praticou quando era mais nova.

O suporte não é só paterno. A mãe, Mara Fernanda Nogueira da Silva, de 45 anos, é professora de Educação Física e revela que, apesar de ter momentos em que sente medo, o apoio às filhas prevalece. “Tentamos ao máximo dar o suporte que elas precisam na família, nos esportes e na vida”, afirma.

A torcida não é a única forma de apoio que as meninas têm dos pais. Eles arcam sozinhos com os custos para a prática dos dois esportes. Para que elas participem de campeonatos pelo País, Getúlio e Mara garantem as despesas com inscrição, hospedagem, combustível, pedágio e alimentação. No caso do jiu-jitsu, os gastos também incluem roupa e mensalidade da academia. As meninas não são patrocinadas, e não há um suporte financeiro por parte da equipe que Ana Laura representa.



A família Nogueira da Silva, no calçadão do Canto do Forte, em Praia Grande — Foto: Alice Vieira

Em relação aos estudos, as irmãs possuem 100% de bolsa em uma escola particular em Praia Grande, onde moram, graças ao esporte. “Foi juntar o útil ao agradável”, diz Getúlio da Silva. Mesmo assim, ele considera que o foco principal das duas são os estudos. Em semana de prova, elas deixam de treinar. O desempenho das meninas nos estudos, incluindo o curso de inglês, é tão bom quanto nas modalidades em que competem.

Uma diferença entre o jiu-jitsu e o surfe é que no primeiro o atleta representa uma equipe, enquanto o outro é individual. “No surfe, todo mundo fica falando que é uma equipe, mas na verdade não é assim. Cada um vai buscar o seu”, explica Getúlio.

Mara vê a participação nos campeonatos como uma oportunidade de união entre a família. “Claro que o foco é na competição, mas quase sempre estamos todos juntos, brincando e interagindo, longe das preocupações da escola e do trabalho. Saímos daquela correria do dia a dia”.

Dia a dia

A rotina das meninas encontra o equilíbrio entre a preparação esportiva, as atividades escolares e as brincadeiras, como qualquer outra criança da mesma idade. O dia delas começa por volta das 8h30.

Mais tímida, Ana Laura pouco fala sobre sua rotina no jiu-jitsu. Ela mostra a medalha que ganhou numa competição, e se limita a dizer que “mesmo sendo pequena e magrinha”, a fragilidade física não atrapalha na hora da luta.



Ana Laura preparada para o combate: a jovem detém a graduação cinza e branca no jiu-jitsu — Foto: Arquivo Pessoal

Já Maria Beatriz não esconde sua relação profunda com o esporte que pratica. “Sem o mar, não existiria surfe. O mar é tudo para mim”, afirma. Quando o tempo está propício para surfar, ela acorda mais cedo para aproveitar melhor o mar. Ela treina três vezes por semana, em média uma ou duas horas por dia. Já Ana Laura pratica jiu jitsu duas vezes por semana em uma academia, com uma hora de aula. Complementando os treinos, a irmã mais velha pratica yoga e funcional, enquanto os pais repassam à filha çaçula exercícios da arte marcial.

Os cabelos castanhos levemente ondulados com as pontas clareadas de loiro, que fazem referência ao estilo das surfistas californianas, ficam um pouco abaixo dos ombros de Maria Beatriz. A pele com tons morenos não nega que ela costuma ficar bastante tempo na praia. “Sempre passo muito protetor para cuidar da pele, senão descasca demais. Também tenho um cuidado especial com a comida, sempre muito balanceada, para não perder e nem ganhar peso”.



Maria Beatriz, a 'BiBi Big Rider', com sua prancha personalizada, antes de mais um treino — Foto: Arquivo Pessoal

Quando começou a surfar, a amizade de Maria Beatriz com o mar era turbulenta, porque sentia um pouco de medo do que poderia acontecer. Afinal, o oceano é capaz de intimidar um adulto e ela só tinha sete anos. Com o tempo, ganhou confiança e foi desenvolvendo suas habilidades, fazendo o medo se transformar em respeito, recompensado pelas conquistas no esporte.

Por sua coragem, a menina é tida como referência. Durante um campeonato em Ubatuba, onde o mar subiu a ponto de ficar 'stormy' - termo utilizado por surfistas para se referir a águas mais agitadas - as competidoras só enfrentaram as ondas depois de Maria Beatriz tomar a iniciativa. O feito foi lembrado no dia seguinte, quando meninas mais velhas esperaram a chegada dela para só então encararem o mar.

A experiência avançada permitiu que ela competisse em outras categorias, como a sub-16 feminino. Antes disso, circuitos como o Hang Loose não investiam no sub-10 feminino, obrigando Maria Beatriz a competir contra meninos. Entretanto, apesar do fator fisiológico, isso nunca foi problema para ela, que se sente confiante quando está em cima de sua prancha.

** sob supervisão de Alexandre Lopes*